SEMINÁRIO VIRTUAL DA MULHER: EDUCAÇÃO, CULTURA E CIÊNCIA
INSTITUTO FEDERAL Fluminense

Precarização do trabalho de enfermagem e sua relação com o gênero feminino

Luciana Valadão Vasconcelos Alves*[1]; Rejane Eleuterio Ferreira[2]; Magda Guimarães de Araujo Faria[3]
[1] Docente do Instituto Federal Fluminense - Macaé; [2] Doutora em Enfermagem; [3] Docente da Faculdade de Enfermagem da UERJ
**lucianavvalves@hotmail.com*(

Resumo
O objetivo geral deste estudo é investigar a precarização do trabalho de enfermagem e sua relação com o gênero feminino. Realizou-se uma revisão bibliográfica na base de dados científica SciELO, utilizando os descritores enfermagem e trabalho feminino. Encontrou-se 224 publicações, porém apenas 14 eram de interesse ao objeto de estudo. Para análise, houve leitura crítica dos textos, observando o referencial teórico e os resultados por eles obtidos. Constatou-se que a enfermagem, predominantemente exercida por mulheres, vivencia a precarização através de multiempregos e jornadas elevadas, o que é somado ao trabalho doméstico. Porém, a invisibilidade desta atividade, atribuída em grande parte às mulheres, reflete em sobrecarga para essas trabalhadoras. Além disso, a categoria possui remuneração baixa, a qual pode estar atrelado as desigualdades salariais entre homens e mulheres. O cuidado, essência da enfermagem, é relacionado com o feminino, a caridade e o senso comum, dificultando o reconhecimento social da categoria. Conclui-se que é necessário intensificar discussões, políticas públicas e legislações de valorização e proteção do trabalho feminino.
Palavras-Chave: Enfermagem. Enfermeira e enfermeiro. Trabalho feminino. Precarização.

Introdução

O novo coronavírus (SARS-CoV-2), causador da doença COVID-19, é um vírus que levou o mundo a ter que enfrentar uma grave crise sanitária global. E são os profissionais de saúde que estão atuando diretamente no combate a essa doença. Sendo esses reconhecidos e homenageados como heróis diariamente pela sociedade. Os profissionais de enfermagem são capacitados para trabalharem nas mais diversas frentes e por isso, nessa pandemia, estão inseridos nas ações de pesquisa, prevenção à contaminação, vigilância, cuidados assistenciais, recuperação entre outras.

Mesmo diante tamanha relevância social e um reconhecimento momentâneo ocasionado pela pandemia de COVID-19, a enfermagem é uma categoria que vivencia desde sua origem desafios relacionados à precarização do trabalho, tais como defasagem salarial, desprestígio social, redução no quadro de pessoal, ritmo de tarefas elevado e condições de trabalho inadequada (GOMES et al, 2020).

No Brasil, existe 2.321.509 profissionais de enfermagem registrados no Conselho Federal de Enfermagem, dos quais, 421.581 são auxiliares de enfermagem, 1.330.447 são técnicos de enfermagem, 569.189 são enfermeiros e 292 são obstetrizes (COFEN, 2020). Sabe-se que 85,1% dos profissionais de enfermagem são mulheres (MACHADO, 2017). Este estudo propõe-se a investigar a associação desta característica com a precarização do trabalho.

Diante disto, acredita-se que estudar essa temática contribua com reflexões sobre as implicações que a desigualdade de gênero acarreta na profissão de enfermagem e estimule estratégias de enfrentamento a tal problemática.

O objetivo deste estudo é investigar a precarização do trabalho de enfermagem e sua relação com o gênero feminino.

Metodologia

A metodologia escolhida para este estudo foi a revisão bibliográfica, que consiste na procura de referências teóricas para análise do problema de pesquisa (LIBERALI, 2008). Sendo assim, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre precarização do trabalho de enfermagem e o gênero feminino, traçando uma relação entre ambos aspectos.

O levantamento das publicações foi realizado em junho de 2020, na base de dados científica SciELO, utilizando os descritores “enfermagem” e “trabalho feminino”. Os critérios de inclusão foram: publicações em forma de artigos; idioma de publicação em português; Texto completo disponível on line.

Desta forma, encontrou-se 224 publicações. No entanto, a leitura dos títulos e dos resumos possibilitou constatar que apenas 14 eram de interesse do objeto de estudo.

Foram analisadas as publicações de interesse, mediante a leitura crítica dos textos, observando o referencial teórico e os resultados por eles obtidos. Com isso, foi possível identificar aspectos relevantes para responder ao objetivo desta pesquisa.

Resultados e discussão

Entende-se por precarização do trabalho situações de vínculo empregatício com déficit ou ausência de direitos de proteção social, trabalhistas e previdenciários, somados à instabilidade, caracterizando-se assim condições que expõem os trabalhadores à condições vulneráveis, tais aumento de demandas, redução de salários e jornadas de trabalho exaustivas (GONCALVES et al, 2015).

Uma extensa pesquisa do perfil da enfermagem no Brasil constatou que a equipe de enfermagem, principalmente, auxiliares e técnicos de enfermagem, vivenciam a precarização, os multiempregos e a insegurança no ambiente de trabalho, o que os impede de exercerem com dignidade suas atividades laborais (MACHADO et al, 2020).

Evidenciou-se que 38,6% dos profissionais de enfermagem trabalham mais de 40h semanais e 25,1% possuem dois empregos. Na prática, a jornada ideal de trabalho da enfermagem não é regulamentada em lei, valendo a livre negociação, que varia entre 30 horas semanais, geralmente, adotada no serviço público e 40 - 44 horas, praticada, com mais frequência, nas instituições hospitalares privadas (MACHADO, 2017; MACHADO et al, 2020).

Em se tratando de um contingente majoritariamente feminino, é importante lembrar que essa carga horária é somada ao trabalho doméstico. Um dos estudos aponta que houve aumento da participação da mulher na renda familiar, porém essa mudança não foi acompanhada de igual distribuição das tarefas domésticas com os homens, sobrecarregando as mulheres e impondo a estas múltiplas jornadas (SANTOS et al, 2020). A ausência de reconhecimento das múltiplas jornadas da mulher-enfermeira é evidenciada pelo adiamento da aprovação do projeto de regulamentação das 30 horas semanais, uma luta da categoria há mais de 20 anos.

Outros dados que chamam atenção para a precarização da categoria são que 24,7% possuem vínculo empregatício temporário, 55,7% têm rendimentos mensais de até 2.000 reais no setor público e 69,4% no setor privado. Destaca-se que 14,4% dos profissionais do setor público e 22,1% do setor privado possuem subsalários, sendo aquele rendimento igual ou inferior a 1.000 reais (MACHADO, 2017; MACHADO et al, 2020). Sabe-se que devido as desigualdades entre os sexos ainda presentes na sociedade, as mulheres, de modo geral, recebem salários inferiores aos homens (SPINDOLA; SANTOS, 2005), o que explica, em parte, a baixa remuneração da categoria. Obviamente, outros fatores como a desvalorização do ato de cuidar, discutido a seguir, também precisa ser considerado.

Alguns estudos apontam as políticas neoliberais como motivadoras da precarização do trabalho de enfermagem (GONCALVES et al, 2015; GOMES et al, 2020). Somado a esse fator, existe uma condição histórica atrelada à enfermagem, o trabalho feminino e o cuidado.

Feminino tem relação com cuidado. O ato de cuidar, culturalmente, é uma atividade atribuída principalmente as mulheres e tem origens históricas, pois no passado as pessoas adoecidas ou com outras necessidades, como o parto, eram assistidas por familiares mulheres, escravas e parteiras (REGO et al, 2020). Ainda hoje, a prática de cuidado, é utilizada no ambiente familiar, em especial por mulheres que desenvolvem o cuidar no sentido de zelo, de apego e de afeto ou de envolvimento no processo de adoecimento (ACIOLI, 2006).

Sendo o cuidado a essência da enfermagem, explica-se o fato da profissão ter predominância feminina. Para a enfermagem, o cuidado caracteriza-se pela identificação e auxílio das necessidades fisiológicas e emocionais, através da escuta, da percepção e de procedimentos técnicos, proporcionando conforto e segurança ao indivíduo (KEBIAN; ACIOLI, 2010).

Entre os séculos V e XIII, houve expansão do cristianismo como “mentor, administrador e regulador do bem estar da alma e dos corpos”. Acredita-se que, neste momento, a enfermagem na medida em que, como mulheres, submissas a ideologia dominante da Igreja, integrou-se ao papel da benevolência (FONSECA; PENNA, 2000, p.227). Atualmente, os reflexos desse período pré-científico da enfermagem são percebidos na sociedade, a qual relacionada atividades de cuidado à caridade e ao senso comum, dificultando o reconhecimento social desse exercício.

Enfim, os resultados identificados mostram a atual precarização em que se encontra a categoria de enfermagem, sendo que os fatores relacionados ao gênero feminino permeiam tal problemática.

Conclusão

Constatou-se que a enfermagem, predominantemente exercida por mulheres, vivencia a precarização através de multiempregos e jornadas elevadas, o que é somado ao trabalho doméstico. Porém, a invisibilidade desta atividade reflete em sobrecarga para essas trabalhadoras. Além disso, a categoria possui remuneração baixa, a qual pode estar atrelada as desigualdades salariais entre homens e mulheres. O cuidado, essência da profissão, é relacionado com o feminino, a caridade e o senso comum, dificultando o reconhecimento social da categoria.

A história da mulher e da enfermagem se entrelaçam e por isso, compreender essa relação auxiliará a traçar um caminho de luta pelo reconhecimento social e trabalhista. A enfermagem possui representação autônoma e conhecimento científico

próprio, fundado em teorias e métodos sistemáticos, que necessitam ser difundidos para a sociedade. Além disso, faz-se necessário intensificar discussões, políticas públicas e legislação de valorizações e proteção do trabalho feminino.

Referências

ACIOLI, S. Sentidos e práticas de saúde em grupos populares e a Enfermagem em saúde pública. **Revista Enfermagem UERJ,** Rio de Janeiro, v 14, n. 1, p. 21-6, 2006. Disponível em: http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-35522006000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 23 junh. 2020.

COFEN (Conselho Federal de Enfermagem). **Enfermagem em número.** 2020. Disponível em: http://www.cofen.gov.br/enfermagem-em-numeros. Acesso em: 21 jun 2020.

FONSECA, V. S.; PENNA, L. H. G. A perspectiva do arquétipo feminino na enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 53, n. 2, p. 223-232, jun. 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672000000200007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 21 jun. 2020.

GOMES, C. S. et al. Amamentação cruzada no cenário da precarização do trabalho em saúde: atuação do enfermeiro. **Revista Enfermagem UERJ,** Rio de Janeiro, v. 28, e35224, 2020. Disponível em: http://dx.doi.org/10.12957/reuerj.2020.35224. Acesso em: 20 jun. 2020.

GONCALVES, F. G. de A. et al. Impacts of neoliberalism on hospital nursing work. **Texto contexto - enfermagem**, Florianópolis, v. 24, n. 3, p. 646-653, 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072015000300646&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 jun 2020.

KEBIAN, L. V. A; ACIOLI, A. As diferentes práticas de cuidado na história da enfermagem em saúde pública brasileira. **Revista enfermagem UFPE on line**, 4(esp), p. 1124-130. Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/6268/5515. Acesso em: 23 jun. 2020.

LIBERALI, R. **Metodologia científica prática**: um saber-fazer competente da saúde à educação. 2a ed. Florianópolis: Postmix; 2011.

MACHADO, M. H. (Coord.). **Perfil da enfermagem no Brasil**: relatório final: Brasil. Rio de Janeiro: NERHUS - DAPS - ENSP/Fiocruz, 2017.

MACHADO, M. H. et al. Mercado de trabalho e processos regulatórios – a Enfermagem no Brasil. **Ciência saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 101-112, 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232020000100101&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 21 jun. 2020.

REGO, G. M. V. et al. Qualidade de vida no trabalho numa central de materiais e esterilização. **Revista Brasileira Enfermagem**, Brasília, v. 73, n. 2, e20180792, 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672020000200176&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 21 jun. 2020.

SANTOS, K. M. et al. Perfil da equipe de enfermagem de unidades ambulatoriais universitárias: considerações para a saúde do trabalhador. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, e20190192, 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452020000200212&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 21 jun. 2020.

SPINDOLA, T; SANTOS, R. S. O trabalho na enfermagem e seu significado para as profissionais. **Revista Brasileira Enfermagem**, Brasília, v. 58, n. 2, p. 156-160, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672005000200005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 21 jun. 2020.